

VILÉM FLUSSER Cólera em Lisboa, meningite em São Paulo.

Há pelo menos cem anos que o conceito do paralelismo psico-físico preocupa filósofos e cientistas. O título do presente artigo sugere que um conceito diferente mas homólogo, o do "paralelismo político-físico", merece ser considerado. É claro: ambos conceitos são altamente problemáticos por causa da dubiosidade do termo "paralelismo". Que significa? Que há duas camadas, ontologicamente distintas, que se espelham sem interferirem uma na outra? Ou que há interferências entre as duas camadas que adaptam uma à outra? Ou que há camada ontologicamente fundamental da qual as duas paralelas são manifestações diferentes, e por isto paralelas? Ou que uma das duas camadas fundamenta a outra, a qual é por isto mesmo paralela à primeira? Nos termos sugeridos pelo presente artigo: Será a cólera em Lisboa fenômeno fisiológico que espelha misteriosamente a situação política portuguesa, sem ter sido causada por ela nem ter efeitos sobre ela? Ou que a cólera em Lisboa é efeito da situação política e terá efeitos sobre ela? Ou que há alguma realidade fundamental portuguesa que se manifesta tanto na forma de cólera quanto na da situação política vigente? Ou que a situação fisiológica portuguesa é causa imediata da situação política, ou a situação política é causa imediata da epidemia? Finalmente: que o aparente paralelismo entre cólera e situação política não passa de coincidência fortuita, portanto que, objetivamente, tal paralelismo não existe? É óbvio que a última hipótese parece ser a mais razoável, o que levaria ao abandono do conceito aqui proposto. E o mesmo se refere à meningite em São Paulo. O observador seria levado românticamente mas indevidamente a estabelecer paralelo entre fenômenos díspares por causa das associações que o termo "cólera" e a meningite enquanto doença cerebral provocam. Mas a coisa não é tão fácil, e o conceito do paralelismo não pode, a priori, ser arquivado comodamente.

O conceito do paralelismo psico-físico se tem revelado parcialmente satisfatório, embora o termo "paralelismo" não tenha sido satisfatoriamente definido, e embora os resultados das pesquisas continuem precários e dificilmente generalizáveis. Parece atualmente certo que determinadas doenças mentais têm causas fisiológicas, determinadas doenças orgânicas têm causas psicológicas, e que uma determinada estrutura fundante do indivíduo, (digamos o seu "estar-no-mundo" específico), o prédispõe para determinadas doenças psíquicas de um lado, e orgânicas do outro. Tais resultados não satisfazem pensadores que visam "explicar" a dita realidade. Não permitem nem a redução de fenômenos psíquicos a fisiológicos, nem vice versa, nem o estabelecimento de uma camada ontológica fundante comum a ambos. Obrigam, no entanto, tais pensadores a engolir a pílula amarga que afirma que as várias camadas da realidade correm às vezes paralelamente, outras aparentemente não, e que às vezes pode ser constatada, outras não, camada fundante. De maneira que o conceito de paralelismo psico-físico se revelou frutífero, mas não corresponde às esperanças nele investidas por determinados pensadores. Não pode ser portanto nem abandonado nem exagerado.

VILÉM FLUSSER

Mas, afinal das contas, para quê servem conceitos? Servem para serem utilizados enquanto modelos na praxis do conhecimento. O processo é aproximadamente este: (a) um determinado fenômeno nos preocupa. (b) procuramos conceituar o fenômeno para compreendê-lo e poder manipulá-lo apropriadamente. (c) elaboramos um conceito do fenômeno que nos preocupa. (d) aplicamos o conceito elaborado ao fenômeno para vêr como se adanta. (e) o fenômeno é captado pelo conceito, mas jamais inteiramente, e o grau de adequabilidade do conceito ao fenômeno é a medida de sua utilidade. (f) determinado o grau de utilidade de um conceito, utilizámo-lo na pesquisa do fenômeno até alcançarmos um conhecimento que nos possibilite a elaboração de novo conceito mais útil. Há dois limites em tal processo. Um é o conceito inútil que não permite praxis do conhecimento. Outro é o conceito perfeito, que capta o fenômeno todo. Os dois limites são o que na filosofia antiga era chamado "ideia inútil". Sob análise ambos os limites se revelam pseudo-conceitos. Os conceitos inúteis são pseudo, porque a essência do conceito é sua utilização na praxis do conhecimento. E os conceitos perfeitos são pseudo, porque a essência do fenômeno é sua concreticidade, isto é o fato de nunca ser inteiramente concebível.

De maneira que o conceito do paralelismo psico-físico cumpriu e está cumprindo o que se deve esperar razoavelmente de um conceito. Mostrou-se útil na praxis da pesquisa de determinados fenômenos que nos preocupam, e revelou determinados aspectos em tais fenômenos até então ignorados. Decepçiona apenas pensadores que visam conceitos perfeitos ou que visam eliminar o conceito. Mas o que interessa nisto tudo é o fato que os pressupostos ideológicos dos que elaboraram o conceito são inteiramente indiferentes para a utilização prática do conceito enquanto modelo de conhecimento. É fato histórico que o conceito do paralelismo psico-físico foi sugerido e parcialmente elaborado por "vitalistas". Mas este fato pode ser desprezado. Os resultados de aplicação do conceito não provam nem desprovaem o "vitalismo", mas aumentam o nosso conhecimento de fenômeno em causa.

Aplicando isto ao conceito do paralelismo político-físico aqui posto: há os que se preocupam com a situação na qual se encontram as duas cidades mencionadas. Procuram conceituar tal situação, afin de compreendê-la e eventualmente poder manipulá-la. Toda a ideologia de tais pessoas um determinado conceito parece oferecer-se, e de paralelismo sugerido. Tal ideologia não interessa e pode ser desprezada. O que interessa é ver e que ponto o conceito é útil. Isto é: se é capaz de revelar aspectos ignorados na situação preocupante. E se pode ser aplicado a situações diferentes, nas semelhantes. Apenas a praxis da pesquisa poderá responder a tais perguntas. É verdade: cólera e meningite têm efetivamente conexões que parecer ser meramente verbais, e por isto provocam sorriso. Que seja. Se tais conexões resultarem em elaboração de conceito útil, são bem vindas.

VILÉM FLUSSER

Mas, afinal das contas, para quê servem conceitos? Servem para serem utilizados enquanto modelos na praxis do conhecimento. O processo é aproximadamente este: (a) um determinado fenômeno nos preocupa. (b) procura-mos conceituar o fenômeno para compreendê-lo e poder manipulá-lo apropria-damente. (c) elaboramos um conceito do fenômeno que nos preocupa. (d) a-plicamos o conceito elaborado ao fenômeno para vêr como se adapta. (e) o fenômeno é captado pelo conceito, mas jamais inteiramente, e o grau da ad-equabilidade do conceito ao fenômeno é a medida da sua utilidade. (f) de-terminado o grau de utilidade de um conceito, utilizámo-lo na pesquisa do fenômeno até alcançarmos um conhecimento que nos possibilite a elaboração de nôvo conceito mais útil. Há dois limites em tal processo. Um é o con-ceito inútil que não permite praxis do conhecimento. Outro é o conceito perfeito, que capta o fenômeno tôto. Os dois limites são o que na filoso-fia perene era chamado "ideia imutável". Sob análise ambos os limites se revelam pseudo-conceitos. Os conceitos inúteis são pseudo, porque a essên-cia do conceito é sua utilização na praxis do conhecimento. E os conceitos perfeitos são pseudo, porque a essência do fenômeno é sua concreticidade, isto é o fato de nunca ser inteiramente concebível.

De maneira que o conceito do paralelismo psico-físico cumpriu e está cumprindo o que se deve esperar razoavelmente de um conceito. Mostrou-se útil na praxis da pesquisa de determinados fenômenos que nos preocupam, e revelou determinados aspectos em tais fenômenos até então ignorados. Re-conhece apenas pessoas que visam conceitos perfeitos ou que visam eli-minar o conceito. Mas o que interessa nisto tudo é o fato que os ressu-ltados ideológicos dos que elaboraram o conceito são inteiramente diferen-tes para a utilização prática do conceito enquanto modelo de conhecimento. É fato histórico que o conceito do paralelismo psico-físico foi sugerido e parcialmente elaborado por "vitalistas". Mas este fato pode ser despreza-do. Os resultados da aplicação do conceito não provam nem desprovaem o "vi-talismo", mas aumentam o nosso conhecimento do fenômeno em causa.

Aplicando isto ao conceito do paralelismo político-físico aqui em-posto: Há os que se preocupam com a situação na qual se encontram as duas cidades mencionadas. Procuram conceituar tal situação, afin de compreendê-la e eventualmente poder manipulá-la. Toda a ideologia de tais pessoas um determinado conceito parece oferecer-se, o do paralelismo sugerido. Tal i-deologia não interessa e pode ser desprezada. O que interessa é ver e que-mento o conceito é útil. Isto é: se é capaz de revelar aspectos ignorados na situação preocupante. E se pode ser aplicado a situações diferentes, mas semelhantes. Apenas a praxis da pesquisa poderá responder a tais perguntas. É verdade: cólera e meningite têm efetivamente contações que parecer ser meramente verbais, e por isto provocam sorriso. Que seja. Se tais conta-ções resultarem em elaboração de conceito útil, são bem vindas.